CINE

Rev. 7 1/2 V.

ANO I --- NUMERO 1

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
Rua Braamcamp, 96, 1.º - D.to
LISBOA
Telefone N. 7807

24 páginas Avulso Esc. 1$50

Editor
Augusto Soares

CINE

DIRECTOR
ANTÓNIO FAGIM

Secretário da Redacção
Mota da Costa

17 DE MAIO DE 1934

PROPRIEDADE DA
EDITORA CINEMATOGRÁFICA
(S. A. R. L.)

Oficinas Gráficas
OCOGRAVURA, LTD., Rua D. Pedro V, 18
E
IMPRENSA BELEZA, Rua da Rosa, 99 a 107

Administrador
J. Vicente Sampaio

CURSOS TÉCNICOS

para

Técnicos de Cinema

Semelhantemente ao que é vulgar noutros países, *Cine* vai inaugurar os cursos, por correspondência, de Arte e Técnica cinematográficas.

Nas nossas páginas iremos sucessivamente difundindo conhecimentos indispensáveis e úteis, dos diferentes ramos de trabalho que o cinema oferece aos que se lhe dedicam. São paginas firmadas por categorizadas personalidades das diversas especialidades, com o objectivo formado de iniciar ou preparar, mas que, pela sua forma, não podem ir além de certos moldes talhados para curiosos ou para diletantes.

Os cursos teóricos de *Cine* têm necessàriamente de ir mais longe, de descer a outras profundidades, de revelar escaninhos.

Destinam-se aos estudiosos que pensam dedicar a sua vida ao cinema, ou que, por vocação, se sentem inclinados a penetrar até os mínimos pormenores que, em regra, desinteressam à grande maioria. Para aqueles, os conhecimentos a adquirir não podem ser superficiais. Um estudioso não se satisfaz com leituras vagas, incompletas, ou elementos dispersos. A dedicação a um ramo de actividade exige plenitude de espírito, penetração, continuidade, esfôrço metódico.

Para aqueles vamos criar os cursos teóricos para artistas e técnicos de cinema, em inscrição limitada, e por preços e em condições inteiramente acessiveis a todas as bôlsas, como a todas as inteligências.

Estes cursos são devididos, de princípio, em duas partes:

Arte Cinematográfica
e Técnica Cinematografica

podendo inscrever-se num ou noutro os que desejem seguir qualquer das carreiras cinematográficas incluidas naquelas divisões gerais.

Na rubrica *Arte Cinematográfica*, incluem-se apenas, os artistas de cinema; na rubrica *Técnica Cinematográfica*, incluem-se todas as outras especialidades: argumentistas, realizadores, operadores, decoradores, indumentaristas, etc. A todos, os cursos teóricos de *Cine* fornecem conhecimentos gerais, necessários para o exercício prático de qualquer das profissões.

Pôsto isto, resta esclarecer que desde já se aceitam inscrições provisórias para os *Cursos Teóricos de Cine* que começarão a funcionar brevemente. O numero de inscrições é, como se disse, limitado, e não excede 50 alunos para qualquer deles.

Num próximo número forneceremos pormenores a êste propósito.

Primeira capa

DINA TEREZA,
graciosa intérprete do primeiro fonofilme português, e que foi convidada para protagonista doutra produção nacional — "O Amor de Perdição".
(Foto Brasil)

CINE

inicia nos próximos números,

Quatro Notaveis Concursos

com valiosíssimos prémios

Um concurso para profissionais de cinema

Apresentação de documentários artísticos, comerciais, turísticos, industriais e de actualidades realizados por operadores portugueses, que podem concorrer com um, dois, tres, quatro ou cinco daqueles documentários, em cada especialidade.

Um concurso para amadores de cinema

Para:

Realizadores, Argumentistas, Operadores, Fotógrafos e Artistas

oferecendo-se aos candidatos classificados, além de prémios importantes, a possibilidade de actuarem, no exercício de cada uma daquelas especialidades, num fonofilme português que «Editora Cinematografica» vai realizar, sôbre uma poesia de Gonçalves Crespo.

Dois concursos para os leitores de CINE

Um concurso rápido

realizado semanalmente com palavras cruzadas e com prémios oferecidos pelas principais firmas de Lisboa, aos decifradores.

Um concurso lento

onde a agudera de espírito, a paciência e familiaridade com os astros de cinema, de cada um dos nossos leitores, é posta à prova.

Uma pergunta apenas, que tem 25 respostas.

De quem são estas pernas?

E os leitores que fixaram na tela a linha graciosa ou imperfeita das pernas de cada uma das vedetas do cinema universal responde em face das pernas que lhe apresentamos:

— São de fulana!

E se se enganam, trocando, por natural confusão, as pernas destas pelas de aquela?

Será possivel que os admiradores de Marlene confundam as pernas desta com as de Greta Garbo ou as de Anny?

É o que iremos ver no desenrolar dêste concurso.

O português tem a prosápia de, por uma perna, adivinhar tudo o mais.

Não será excesso de imaginação?

Não é quixotada?

O nosso concurso o provará.

ASSINATURAS DE CINE

PAGÁVEIS À COBRÂNÇA

	TRIMESTRE.	SEMESTRE E	ANO
Para Portugal Continental e Ilhas .	18$00	35$00	70$00
Para as Colónias Ultramarinas . .	20$00	40$00	80$00
Para Espanha	19$00	38$00	75$00
Para o Brasil.	25$00	45$00	90$00
Para outros países	30$00	50$00	100$00

PAGÁVEIS ADIANTADAMENTE

Série de 10 números Esc. 15$00

que podem ser enviados directamente à Aministração, em sêlos, vales do correio, ou cheques.

CURSOS PRÁTICOS

para

Artistas de Cinema

Cumulativamente, com os cursos teóricos preparamos os cursos práticos para artistas de Cinema, também por inscrição limitada e gratuïta para os nossos assinantes de Lisboa.

Alguns distintíssimos professores de Gimnástica, Dirção, Canto e Coreografia, prestaram-se gentilmente a colaborar comnôsco na obra de preparação e selecção de pessoal artístico para trabalhar nos pequenos fonofilmes que «Editora Cinematográfica» se propõe produzir, com aparelhagem própria, a fim de serem apresentados na próxima época.

A circunstância de não haver pessoal artístico devidameute habilitado para a realização daqueles fonofilmes, exige a sua preparação imediata.

E à medida que as circunstâncias o permitam, êstes cursos desenvolver-se-ão de modo a comportar maior número de alunos, alargando-se as matérias a leccionar, por enquanto restrictas ao indispensável e ao rudimentar.

Dêstes cursos faz parte a assistência às conferências de carácter didático que a nossa Revista promoverá para geral elucidação da arte cinematográfica, conferências que, sempre que seja possível, serão acompanhadas pela projecção de filmes, proporcionando um esclarecimento completo das matérias versadas.

Embora a inscrição seja livre e gratuïta para os nossos assinantes, reservamo-nos o direito de, entre os inscritos, escolhermos aqueles que formarão o primeiro turno de trabalhos práticos. A base desta escolha reside no apuramento dos que tiverem maior soma dos requisitos considerados indispensáveis para o exercício da arte cinematográfica, visto a duração dêstes cursos práticos ter de ser reduzida ao mínimo, e a preparação dos freqüentadores, de ambos os sexos, exigir extraordinária intensificação mercê da necessidade de ter a postos, urgentemente, pessoal que trabalhe nos filmes a realizar pela «Editora Cinematográfica».

O primeiro turno funciona apenas com vinte alunos, dez de cada sexo, e as leccionações serão diurnas ou nocturnas, para cinco de cada grupo de dez.

Aqueles dos inscritos que houverem, em qualquer escola oficial ou particular, cursado com aproveitamento alguma das cadeiras que fazem parte dos nossos cursos práticos, são dispensados da sua freqüência, mediante apresentação de certificado de estudos ou prestação de provas de competência.

As cadeiras que constituem êste curso intensivo são: Arte de dizer, Coreografia, Canto e Gimnástica.

Segunda capa

JEAN HARLOW e CLARK GABLE, dois dos mais famosos artistas do cinema americano preferidos pelo público português.
(Foto M. G. M.)

Compra
-0. AGO. 1997

RAZÃO DE SER

HÁ mais de um quarto de século que se faz cinema em Portugal e ainda hoje a cinematografia nacional vive uma hora perturbada e incerta. O seu estado actual não é, mesmo, de molde a inspirar confiança a novos empreendimentos.

Por via do público? Não. Por via dos falsos mentores da indústria portuguesa do cinema.

Á roda de cada iniciativa reúnem-se capitais escassos, sem aproveitamento económico, sem laboração sistematisada, sem condições técnicas ou artísticas de dirigidos e dirigentes e cada filme fica sendo mais um episódio na cinematografia nacional. Até hoje, a nossa indústria de filmes conserva ainda o aspecto das indústrias domésticas, simples curiosidade, sem estrutura económica nem objectivos nacionais a prosseguir.

E não se antevê a continuídade que é mister existir para que faça obra equilibrada e progressiva, conducente ao definitivo estabelecimento da indústria. Ao cabo de vinte e cinco anos de actividade estamos ainda no amadorismo. Não há uma única equipe técnica ou artística completa, com gente adestrada a trabalhar sem deficiências.

Franceses, ingleses, italianos, gregos, chineses têm indústria própria, têm cinema nacional. Nós não temos nada, ou quási nada.

Ora a época que atravessamos, exige a adopção dum meio rápido de cultura, dum sistema educativo acessível ao público e pelo público prontamente assimilável. Há a necessidade imperiosa de dar conta das novas modalidades da arte, de Rodin para cá; das novissimas características das ciências depois de 1800; das formidandas concepções industriais que tendem a aproveitar quanto a crosta terrestre e o sub-solo encerram. Não se julgue que a cinematografia é apenas pretexto para recrear o esprito. A sua função é muito mais vasta e poderosa. Mas chega-se a esta altura do aproveitamento das possibilidades do cinema e olhamos para o nosso Que está feito nêste sentido? Nada! Um eterno e desolador *nada!* Não existe critério, nem consciência cinematográfica. Continua-se na mesma inciência da técnica fílmica e na mesmíssima defeituosa organisação comercial, causas primordiais das catástrofes, das desorientações, dos êrros, das loucuras e das audácias a que temos assistido de há 25 anos a esta parte. E' preciso arrepiar caminho. Eis ao que vimos dando êste passo.

Queremos cinema nacional, mas não como até aqui, a vêr se péga, que se não péga, é graça.

Há novos que se sentem com coragem e têm habilitações suficientes para trabalhar; é preciso dar-lhes a fazer alguma coisa, pouco que seja, mas o suficiente para demonstrarem as suas possibilidades. E' preciso mandar outros estudar onde estas coisas se ensinam, depois duma iniciação teórica e prática indispensável que lhes permita não ir completamente em branco para os lugares de estudo. E' indispensável que venham técnicos, mas técnicos de verdade, ensinar e preparar os que cá estão anciosos por saber. Urge facilitar condições para que apareçam os valores, as vocações ignoradas que existem, por êsse país fóra. Eis o que pretendemos efectuar.

O nosso desejo é contribuir para o progresso da indústria portuguesa de cinema. Não vimos combater ninguém. Pelo contrário, anima-nos a vontade de unir quantos se interessam pela causa cinematográfica nacional. Mas não estamos, também, dispostos a ser torpedeados. Se nos agredirem não voltaremos a cara. As pedras que nos atirarem não quebrarão telhas de vidro; encontrarão couraças de bom aço. Vimos a trabalhar honestamente. Exigimos o respeito de todos.

A nossa missão jornalística é agitar idéias, discutir princípios, sobretudo difundir cultura, reflecti-la, criá-la, preparando uma consciência cinematográfica.

Impuzemo-nos um propósito severo de crítica que em nada contraria a superior intenção cultural, antes a completa, pois não é possível curar chagas sem estirpar antecipadamente os males corroedores.

Se houvermos de louvar, louvaremos; se houvermos de chicotear, chicotearemos — nada nos deterá, porque para esta luta nos couraçamos de sinceridade e de imparcialidade.

Pôsto isto, feita esta afirmação de princípios, para que nos entendamos todos de futuro, resta-nos iniciar a obra de renovação a que viemos proporcionando elementos de estudo e facilitando a aplicação de actividades.

■

Êste número foi visado pela comissão de censura

BIBLIOTECA MUNICIPAL

O QUE SE SABE

As novidades dos meios cinematográficos nacional e estrangeiro são um dos mais justos motivos de interêsse de todos aqueles que prestam a sua atenção ou o seu concurso à indústria de cinema. Saber notícias da actividade nos estúdios, o que as vedetas fazem, o que se prepara em Portugal e além-fronteiras, eis uma das curiosidades dos amigos de cinema, e não só dêstes, como ainda dos profissionais e das próprias empresas. Cine dirá, em cada número, aquilo que sabe e tem a certeza de ser exacto. Pouco a pouco, esta secção tornar-se-á mais completa e pormenorisada, consoante o movimento cinematográfico universal e o movimenta cinematográfico da nossa embrionária indústria de cinema. Mas é possível que num futuro breve, tenhamos muito noticiário português a publicar nestas colunas.

■

O grupo constituido há pouco tempo para produzir um filme extraído do *Reposteiro Verde*, do sr. dr. Júlio Dantas, conta iniciar muito brevemente, talvez ainda esta semana, os trabalhos preparatórios da referida película. Como os exteriores são filmados na ilha da Madeira, o pessoal técnico parte para alí dentro de pouco tempo, afim-de fazer os seus estudos preliminares. Está assente que a película seja realizada por um distinto engenheiro português absolutamente desconhecido no nosso meio cinematográfico, e super-visada pelo sr. Sousa Santos, actual assistente do engenheiro de som, sr. Paulo de Brito Aranha. Para evitar confusões, diremos que o sr. engenheiro Brito Aranha nada tem que ver com êste filme, que será feito, todo êle, com o material sonoro do Bloco H. da Costa, incluindo os interiores, que, segundo acôrdo já estabelecido, serão filmados no estúdio da Tobis Portuguesa.

O primeiro papel feminino será interpretado pela talentosa artista D. Brunilde Júdice. Os assistentes de «Fim da Raça», título definitivo de «O Reposteiro Verde», são os srs. Fernando de Barros e Luís Emauz.

Os produtores pedem às pessoas que tenham já conhecimentos ou queiram dedicar-se ao exercício da maquilhagem, embora sob a direcção de peritos, se dirijam por escrito, ou pessoalmente, ao sr. Fernando de Barros, rua Braamcamp, 96, 1.º-D., afim de darem todas as referências.

Os operadores de imagens serão os srs. Manuel Luís Vieira e Bernau, e os de som os engenheiros srs. Bernáldez y Eder e Verol.

■

A Tobis Portuguesa vai iniciar os seus trabalhos pela confecção de pequenos filmes: documentários, actualidades, etc. Os directores daquela empresa tencionam manter uma actividade constante, embora essa actividade seja conseguida à custa de muito esfôrço e sacrifício.

O Sr. Aquilino Mendes foi convidado para operador da Tobis, cargo que aceitou. Brevemente, chega a Lisboa um operador alemão que chefiará os trabalhos de filmagem.

■

Uma grande empresa cinematográfica alemã convidou o dr. Delfim Santos, professor estagiário do Liceu Normal de Lisboa, a escrever um argumento para ser filmado na Alemanha. O dr. Delfim Santos ainda não aceitou nem declinou o convite.

■

Charles Laughton, o formidável protagonista da *Vida Privada de Henrique VIII*, vai interpretar o papel de Luís XVI, na película *Maria Antonieta*. Norma Shearer será a sua parceira.

O QUE SE DIZ

Notícias e mais notícias... A toda a hora, todos os dias, em Portugal e no estrangeiro, correm informações, novidades, notícias várias... O meio cinematográfico é um grande mundo, um mundo buliçoso e inquieto, que fornece constantemente elementos dignos de interessar o público, os admiradores de arte das imagens e o simples curioso. Todos os dias se preparam novos filmes e os artistas trabalham sem descanso, a fim de satisfazerem as exigências das plateias e dos mercados. Uma vida exaustiva, de trabalho e sacrifício. Uma vida magnífica para os profanos. A quantos e quantos artistas da tela se poderia aplicar aquela frase de Jean Sapène: «Entré au cinéma par erreur, resté par orgueil»!

■

O sr. Schwarzkopf, antigo director da Tobis de Berlim, e que se encontra há alguns meses entre nós, afim de organizar um grupo de produção, desistiu, pelo menos, por enquanto, de preparar um filme sôbre Fátima. Falou-se em que o argumento seria da autoria do jornalista sr. Ferreira de Castro, mas constou recentemente, ter sido incumbido dêsse trabalho o escritor sr. Manuel Ribeiro. Afinal nada disto é exacto, nem é exacto que já tenham sido firmados contratos.

O sr. Schwarzkopf não desiste do intento de trazer a Portugal o realizador Paul Féjos, afim dêste dirigir, com assistentes portugueses, os primeiros filmes.

■

Informações vindas do Brasil dizem que o sr. António Luís Lopes projectava levar a efeito, devidamente capitalizado, a realização dum filme que teria como protagonista uma senhora que em tempos esteve em Hollywood com a intenção de trabalhar em cinema. Para êsse filme pensava-se na organização duma tourada, durante as festas do Centenário. No entanto, por circunstâncias várias, a tourada não se leva a efeito, e parece não haver grandes probabilidades de se fazer o filme. Informações posteriores dizem até que o sr. António Luís Lopes já saiu do Brasil.

■

John Weissmuller, o famoso nadador que vimos em *Tarzan*, dedicou-se a outro desporto: o *box*. Treina-se actualmente no Atletic Club de Hollywood.

■

Henri Garat principiou a trabalhar no filme *Lune de Miel*, sob a direcção de René Guissart.

■

Leni Riefenstahl, a simpática protagonista de *A Montanha Sagrada* e *S. O. S. Iceberg*, estuda actualmente o papel que lhe distribuiram para o filme *Tiefland*.

■

Dolly Haas, a graciosa artista loira do *Tenente do Amor*, interpreta agora *Scampolo*, num teatro de Berlim.

■

A actriz inglesa Merle Oberon seguiu para Holywood, onde actuará, ao lado de John Barrymore, em *Monte Cristo*.

■

Anna May Wong encontra-se nas margens do Tamisa a filmar os exteriores da sua nova produção.

■

Camila Horn filma com Hars Söhnker, *A grande sorte*.

■

Os actores húngaros Irene Agay, Lily Berty e Gabor Reynai são as principais figuras de *Ida Regerye*.

■

Anny Ondra e René Lefèvre iniciaram os trabalhos preparatórios para a filmagem de *L'amour en cage*, produção Carl Lamak.

OS BONS DOCUMENTARIOS PORTUGUÊSES NÃO SÃO inferiores aos melhores estrangeiros!

A crítica e o público censuram amiude os documentários portugueses que se têm exibido. Uma e outro têm razão, mas não é menos verdade que a culpa não é apenas dos operadores. Muitas vezes temos admirado filmes curiosos, com bonitas imagens, bom trabalho de laboratório e montagem cuidada. Mas constituem casos esporádicos.

Em regra, um filme é comprado por baixo preço; muitas vezes, o lucro mal cobre as despezas. O operador não pode sair do ramerrão, nem sobrecarregar o seu orçamento. Se prepara um novo banho de revelação, terá prejuizo; portanto, utiliza um banho velho. Se filma muitos metros, para selecionar as melhores imagens, ninguém lhe paga o negativo inutilizado. Por isso aproveita tudo, sem perder um centímetro. Quando sai dêstes limites e se sujeita a perder, público vê sempre um bom trabalho. De resto, em Portugal fazem-se tão bons documentários como no estrangeiro. Mas, é triste confessa-lo, quási não vale a pena esforçar-se um operador por produzir bom. Para quê, se não pagam? Para quê se, como tem sucedido, dum bom documentário fazem os compradores três ou quatro? Para quê, se pagam o bom pelo preço do detestavel? Para quê, se não há protecção nem estímulo, se não existe a defêsa do documentário português nem dos operadores? Quando um se destingue, não é por acaso. Ninguem trabalha com o objectivo premeditado de apresentar mau. As fôrças das circunstancias [illegible] que, apesar das críticas e das exclamações do público e da Imprensa, obrigam os verdadeiros profissionais do nosso cinema a não brilharem nos cem metros da lei...

Algumas imagens do filme «Os Pombos», de Manuel Luiz Vieira, exemplo dum bom documentário. Esta película, já exibida num cinema da capital, mereceu as mais elogiosas referências da crítica e do público.

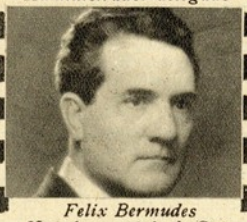
(Ampliações do filme).

INSTITUIU-SE A EDITORA CINEMATOGRÁFICA

QUE VAI DEDICAR-SE Á PEQUENA PRODUÇÃO DE FONOFILMES E Á EDIÇÃO DE PUBLICAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

Dr. Octavio de Brito
Presidente do Conselho de Administração

António Fagim
Administrador-delegado



Felix Bermudes
Vogal-secretário do Conselho de Administração

Frederico de Freitas
Vogal do Conselho de Administração

Antonio Gomes Alves
Vogal do Conselho de Administração

João Vicente Sampaio
Vogal
da Assembleia Geral

FUNDOU-SE uma nova empreza cinematográfica.

A' sua frente estão individualidades que dentro dos seus ramos de actividade ou fóra deles são respeitadas como pessoas de bem e admiradas por suas invulgares qualidades de inteligência e de trabalho.

Na massa anónima dos accionistas, «Editora Cinematográfica» conta alguns dos melhores valores das artes, das ciências e das letras nacionais. Há, no seu seio, medicos e industriais engenheiros e literatos; advogados e comerciantes; artistas e operários; gente de teatro e gente de cinema, dos da «velha guarda» quási todos os que colaboraram, mais ou menos intensamente, na realização de muitos dos filmes portugueses que, nas suas duas décadas de história, conta o cinema nacional.

A que vem uma nova empreza nesta hora ainda incerta das possibilidades do Cinema Português?

Pelos termos dos seus estatutos, os objectivos são — a edição de publicações cinematográficas, a produção, exploração e comércio de fonofilmes e ainda o exercicio da indústria do reclamo. Pelo espirito que animou os organisadores, os objectivos são ainda outros: realizar a obra que é mistér para que a produção nacional de filmes passe de episódica a contínua e que cada filme deixe de ser uma aventura inspiradora de descrédito, para se tornar negócio tanto ou mais sério que qualquer outro.

Assim, «Editora Cinematográfica» entendeu iniciar os seus trabalhos, publicando uma revista de divulgação e de cultura que ensine e que recreie, educando o público. Um hebdomadário que seja o baluarte dos que trabalham em prol do cinema e das suas legitimas aspirações. Pela sua independência, que é absoluta, e pela sua directriz, criteriosamente traçada, «CINE» irá satisfazer um velho desejo dos trabalhadores de cinema. Brevemente, a «Editora Cinematográfica» vai produzir filmes de complemento, jornais sonoros e documentários.

Dr. Campos Figueira
Presidente
do Conselho Fiscal

António Filipe Ribeiro
Vogal
do Conselho Fiscal

Eng. Rocha Cabral
Presidente
da Assembleia Geral

Dr. Gustavo de Freitas
Vice-Presidente
da Assembleia Geral

Augusto Soares
Primeiro secretário
da Assembleia Geral

Alfredo Assunção
Segundo secretário
da Assembleia Geral

BOM HUMOR

EXIBE-SE, num cinema da Baixa, o *Rei dos Palaces*. Platéia. Um casal. Ele, 40 anos, bigode côr de cinza, olhar sonolento. Ela, uma dama como há muitas, empacotada em pelúcia, ar de abondono e incompreensão. Na tela, Jules Barry, enfarpelado de porteiro, interroga-se, a cantar: «Quem dirige o movimento do *hall* e do hotel, quem recebe os hóspedes e a correspondência?» O próprio Barry dá a resposta, num «refrain» invariável como todos os «refrains» que se prezam:

Le portier,
Le portier,
Le portier!

A dama rebuçada de pelúcia não percebe. O marido explica, pormeniriza, traduz, adapta e elucida. Mas o dama não está satisfeita. E, quando Barry repete pela última vez o «refrain:»

Le portier,
Le portier,
Le portier!...

ela pregunta ao marido: «O que diz êle?» E o digno consorte, com ar desprendido de pessôa sabedora, traduz:

Não pode ser,
Não pode ser,
Não pode ser.

■

Há muitos anos, noutro cinema, exibia-se *O Mundo Perdido*. Fauna préhistorica, bonecos articulados—e por vezes tão mal articulados que o espectador mais leigo notava o truque.

A' saída, um cavalheiro de côco, monóculo, charuto, pérola na gravata, casacão de peles, acompanha duas damas até o auto. Fala-se do filme. E o homem, arrastando a obesidade da petulância, mas um pouco humilhado pela confissão:

—Só não sei onde foram êles buscar aqueles bichos anti-diluvianos. Julgava que já tivessem morrido!

■

Exibe-se *A Sinfonia Incompleta*. Na primeira metade, um espectador, interpelado por outro sôbre o filme, dá uma resposta vaga, imprecisa. «Vamos lá a ver, vamos lá a ver...» Segunda parte. A certa altura, Schubert vai tocar, novamente, a sinfonia. E o tal espectador, ageitando-se na cadeira, exclama:

—Ora vamos lá a ver se êle toca *isto* até o fim, vamos lá a ver...

E ficou muito desiludido quando o artista interrompeu a partitura e a rasgou em duas.

■

— Diz-me uma coisa, sr. guarda... que devo fazer para ir aos estúdios da Tobis, no Lumiar?

— Arranjar um guarda chuva...

DUAS PALAVRAS SÔBRE A TÉCNICA DOS ARGUMENTOS

Escrever para o cinema não é tão simples como parece à primeira vista. O argumento cinematográfico tem a sua técnica especial, que se não assemelha à do teatro nem á do romance, e exige ao argumentista, todos ou quasi todos os requisitos indispensáveis ao escritor e ao dramaturgo. Esta secção interessa, a velhos e novos, amadores e profissionais que desejem aplicar as suas aptidões literárias ao cinema. Publicamos, hoje, a introdução a uma série de artigos de vulgarização.

■

O cinema — qualquer pessoa o reconhece sem dificuldade — é uma arte complexa, mas sem meios de abordar temas psicológicos. No momento em que a literatura estuda e analisa psicologias, o cinema retrai-se, continuando apenas a contar-nos histórias e nada mais do que histórias. A principal característica da arte das imagens é exactamente o reverso de tudo o que representa profundidade, reflexão e análise.

O cinema, com todos os seus recursos e possibilidades, mantem-se superficial, não exige do público que reflexione, e recorre à síntese. Procurou-se, há tempo, transpôr para a tela alguns problemas de psicologia. Na época do silencioso, isso era impossível; no reinado do sonoro, continuou a ser irrealizável. O cinema requere apenas historietas simples, historietas de acção e movimento. Não precisa dum tema vasto, mas dum assunto bem tratado. De facto, todos os filmes apresentam êste axioma, esta verdade evidente. Vejamos, por exemplo, o que faz o maior cineasta europeu: Fritz Lang. Ou melhor, o que faz a argumentista Thea Von Harbon, sua mulher: puro folhetim, isto é, novela de acção e, não só de acção, mas também de movimento.

Estabelecida a anedota, que deve primar, sempre, pela simplicidade, é preciso cuidar das personagens, cujas psicologias, que a fazem agir e reagir, têm de corresponder à simpleza do argumento. Nada de transcendentalismos nem reações complicadas.

O argumentista não pode esquecer outro pormenor de grande importância: o número de personagens. Deve ter sempre em conta não dispersar a atenção do espectador; pelo contrário, centraliza-la, atraí-la, prende-la às figuras que são o eixo da historieta. A unidade da acção é outro factor a considerar. Embora, por vezes, ela sofra excepções, o argumentista deve toma-la como regra. E, senão, vejam-se êstes dois exemplos: lembram-se de *Casanova*, filme silencioso, exibido em Lisboa há muitos anos? Era fragmentário, sem unidade de acção, constituido por episódios distintos, por cenas quási independentes. E as películas de Hardy e Laurel? Quasi sempre, pelo menos até o dia de *Fra Diávolo*, sofriam do mesmo mal: dir-se-iam retalhos, anedotas sôltas e ligadas ao acaso... A unidade de tempo, quanto a nós, já não é tão importante, conquanto exija e mereça muita atenção. Em «Rasputin e a Imperatriz», essa unidade encontrava-se constantemente interrompida, mas Boleslavsky, o realizador, conseguira evitar ao público qualquer má impressão. Algumas vezes, os filmes narram uma historia desenrolada em vinte e quatro horas, como *Solidão*. Mas a unidade de tempo é sempre relativa, e não é preciso consultar Einstein para adquirir esta certeza.

O argumentista encontra, a seguir, outro óbice a remover: o do ambiente. Aqui, é imprescindivel um pouco de originalidade e muita observação. E' no ambiente que se pode procurar, em parte, o inédito, o curioso, o sensacional. Por isso os americanos realizaram tantos filmes em frica, estiveram no polo sul com o comandante Byrd, na Groenlândia com Van Dyck, na Polinésia com Flaberty, o falecido Murnau e outros. Mas há, evidentemente, outros meios, outros ambientes explorados, mas dignos de interêsse: as praias, as piscinas, a Bôlsa, os bastidores do teatro e do cinema, os estádios, as ruas, os grandes estabelecimentos...

O argumento necessita de emoção, e dum momento culminante. Assim, o descarrilamento em *Espiões*, a partida da bala na *Mulher na Lua*, a tourada em *Toureiro á Força*, a corrida das quadrigas em *Ben-Hur*, a corrida do automóvel em *Ruas da Cidade*, o dilúvio na *Arca de Noé*, as cenas de trapésio em *Variedades*, o circo no *Sinal da Cruz*, o recital na piscina em *Tudo por Amôr* constituem os «clous». As atracções são múltiplas nos filmes, mas, de todas elas, uma se destaca sempre. Cumpre ao argumentista colocar, na altura conveniente, o «clou» indispensavel. A regra e o bom senso aconselham a localisá-los na segunda metade do filme. A tudo isto que fica dito, é preciso acrescentar o movimento. Note-se: movimento não quer dizer acção. Um filme de acção pode não ter movimento. O tipo da película de movimento é o americano (*cow-boys*, *gangsters*, etc); o tipo de película de acção é o francês, o alemão, o èscandinavo, o russo, etc.

Há quem aconselhe a colocar a história ou incidente amoroso em primeiro plano; nós achamos preferivel não estabelecer isto como regra. Achamos até mais atraente e delicado coloca-lo em segundo lugar.

E sirvam-nos estas linhas de introito. O futuro argumentista terá aqui matéria para estudo e reflexão. Em números sucessivos, examinaremos, de per si, todos os assuntos apresentados nêste artigo e outros de que a seu tempo havemos de falar.

HERCULANO LENY

JORNAL DE...

O regresso de Glória Swanson

GLÓRIA Swanson voltou aos estúdios onde principiou a sua carreira de artista cinematográfica, quando ainda era absolutamente desconhecida, ou seja, muito antes de transformar-se em heroina das películas de Cecil B. de Mille, nas quais conquistou o galardão de estrêla.

"Alegro-me de voltar aqui", foi o conmentário de Swanson, quando entrou no seu camarim, nos estúdios M-G-M. "Sinto-me feliz por ter assinado contrato com esta empresa, libertando-me assim das enormes responsabilidades da produção independente."

Há alguns anos, Glória quis experimentar a sua sorte, produzindo os seus próprios filmes. Se bem o pensou, melhor o fez. Sò miss Swanson e outras que, como ela, se lançaram nêstes empreendimentos conhecem as dôres de cabêça que êles provocam. A sua última película independente foi filmada em Inglaterra, no ano passado-desempenhando o seu espôso, Michael Farmer, um dos principais papéis.

Agora, Glória, com o seu novo contrat de longo prazo de trabalho, confessa-se encantada por estar livre das preocupações inerentes a todo o produtor, e poder dedicar completamente a sua atenção aos papéis que lhe destinem.

"Não sei, no entanto, ainda qual seja o meu primeiro filme a fazer com o pessoal técnico e artistico da Metro" disse a actriz. "Mr. Thalberg estuda, nêste momento, dois ou três argumentos, entre eles *Three Weeks*. Gostaria de filmar esta historieta. Seria interessante reviver na tela sonora as figuras da Rainha e do Principe Paulo, da obra de Elinor Glyn.

Também estou a tratar (ou melhor, estamos) duma possivel digressão teatral, que se levaria a cabo enquanto se realizam os trabalhos preliminares da minha primeira película. Mas ainda não há coisa alguma assente."

Enquanto os directores da companhia escolhem o argumento da primeira produção, Glória Swanson emprega o seu tempo nos estúdios fotográficos, onde lhe tiram inúmeros retratos, a estudar penteados desenhados por Adrian, a decorar a sua casa em Beverly Hills, a renovar velhas amisades em Hollywood, e a ler livros, manuscritos e peças de teatro.

Miss Swanson demonstra tanto interêsse e entusiasmo pelo seu futuro artistico, como no início da sua carreira cinematográfica, quando a consagração, o título de estrêla e a glória, pareciam, à própria Glória, uma quimera impossível de alcançar.

O divórcio de Kay Francis

KAY Francis de Kenneth Mac Kenna, ou melhor, Katherine Gibbs Mielzinier divorciou-se de Leo Mielzinier, com quem estava casada desde Janeiro de 1931. Kay Francis alegou incompatibilidades, e disse estar pouco satisfeita com a atitude do marido, que a recriminava pela sua maneira de vestir e de arrumar os móveis em casa. Como isto a irritava, prejudicando-lhe a actuação nos estúdios, entendeu por bem divorciar-se.

Mary Duncan vai trabalhar

MARY Duncan, que se retirou dos estúdios para casar, está de certo um poucochinho aborrecida com a vida matrimonial, pois vai regressar à actividade cinematográfica. Mary contracenará com Everett Horton e Genevieve Tobin, sob a direcção de Karl Freund, num filme intitulado: «A Esposa do Solteiro.»

. . . Actualidades

O teatro ao serviço do cinema

OS actores e actrizes escolhidos pela M-G-M para o elenco de *O Fanfarrão* (título provisório) — versão cinematográfica da famosa comédia de George Kelly "The Show-Off" — representam centenas de anos de triunfal actividade na arte cinematográfica.

Quási sem excepção, os principais intérpretes daquela obra obtiveram o seu diploma de artista quando ainda trabalhavam no teatro.

Spencer Tracy, o protagonista do filme, actuou nos palcos de Nova York e de Londres, tendo também percorrido, com várias companhias ambulantes, as principais cidades dos Estados Unidos da América do Norte.

Madge Evans passou a sua infância no teatro e, antes de ingressar na carreira cinematográfica, comparticipou de várias peças que obtiveram êxito em Broadway.

Henry Wallsworth, que há pouco tempo ingressou nas fileiras dos trabalhadores de cinema, figurou, durante largo tempo, nos elencos de teatro.

Grant Mitchell, na circunstância pai de miss Madge Evans, no filme *O Fafarrão*, foi, durante anos, estrêla de teatro.

Clara Blandick, que tem a seu cargo o papel de mãi da simpática Madge, é outra veterana do palco. Miss Blandick pertence há muito tempo à arte de Talma, e participou, em Londres, nas representações de "The Show-Off".

Claude Gillingwater trabalhou, durante quási meio século, ao teatro, onde conquistou o lugar de estrêla. Outrotanto pode dizer-se de Richard Tucker.

O próprio pessoal técnico que intervem na produção, trabalhou no teatro. Charles F. Reysner, director da película, foi actor teatral de grande renome. Jack Meckenzie, director ajudante, conta 32 anos de teatro, na qualidade de actor, director e empresário.

Todos êles, pràticamente, durante a sua carreira teatral, participaram, directa ou indirectamente, nas representações de "The Show-Off", uma das obras que mais aplausos recebeu, nos últimos dez anos, desde o dia da sua estreia, numa sala de Broadway, em 1921.

Reisner, que viu muitas vezes a peça, declara ser a mais curiosa obra de teatro do século presente. "E' muito divertida e, simultâneamente sentimental", declarou êle. «Viverá muitos anos como modêlo perfeito na produção de comédias.»

Uma lua de mel interrompida

Parece que Jean Harlow, a encantadora estrêla de cabelo platinado, e o seu novo marido, Hal Rosson (o primeiro, lembram-se? foi Paul Bern, que se suicidou, em circunstâncias mal esclarecidas, dois meses após o casamento) não poderão realizar, por enquanto, a sua projectada viagem de lua de mel, a Honolulu.

Miss Harlow, convalescente duma operação de apendicite, pensava embarcar para Hawai assim que os médicos lhe dessem alta.

Jean e Rosson tinham obtido, nos estúdios onde trabalham, a autorização necessária para se ausentarem. Os dois tinham trabalhado juntos num filme, ela como vedeta, êle como chefe de operadores. Durante as filmagens, apaixonaram-se. Com os corações em labareda, decidiram partir de avião, mal acabasse o trabalho, e celebrar o casamento. Mas, subitamente, Jean Harlow sentiu-se mal, e foi necessário transporta-la para o hospital. Agora que entrou na convalescença, os dois esposos voltaram a pensar na viagem de núpcias. Mas a M-G-M veio adiar a viagem ao Pacífico; miss Jean Harlow deve começar imediatamente a filmar, ao lado de Marie Dressler, em *Living in a big way*.

APONTAMENTOS

PARA OS FUTUROS

ARTISTAS DE CINEMA

Ao iniciar êstes apontamentos, não temos a pretensão de criar artistas. Move-nos, apenas, o desejo de fornecer a quantos anseiam dedicar-se á arte cinematográfica, ensinamentos que o estudo e a prática nos proporcionaram.

Procuraremos evidenciar os prós e os contras duma profissão que a muitos seduz, mais por imaginação que por vocação. Seremos breves, claros e precisos em nossas considerações e esforçar-nos-hemos por lhes dar um sentido prático.

Certo iremos derrubar algumas vãs esperanças; a seu par, abriremos novos horizontes a outros espíritos de aspirações mais sadias, animados por verdadeira inclinação para a arte dramática. E dar-nos-hemos por inteiramente compensados da inglória tarefa, se estas linhas caírem sob os olhos de algum temperamento de artista, ignorado de si mesmo, e que, contribuindo para lhe revelar aptidões excepcionais, permita encaminha-lo para o cinema português onde ainda não foi possivel encontrar um génio.

■

De entre todas as artes, nenhuma existe que exerça tão fascinante atracção, como a do cinema. Mais duma vez tivemos ocasião de verificar a espantosa quantidade de cartas que anualmente se recebem nos escritórios das firmas produtoras, provindas de cineastas que nos quatro cantos da terra portuguêsa desejam entusiàsticamente ingressar no Cinema e, coisa curiosa, na maioria não se contentam com situações modestas. O alvo é ser artista, desempenhar o principal papel masculino ou feminino. Porquê esta audácia de querer atingir, desde logo, situação culminante?

Acaso a arte cinematográfica não exige preparação como as outras artes?

Acaso existe uma superabundância de génios nesta arte, como em nenhuma outra?

Nada disto. Basta pensar que, havendo milhões de indivíduos no Universo, há apenas algumas centenas de artistas de cinema; que entre êstes há poucas dezenas de reais talentos e que o número de artistas geniais não atinge uma dezena, em pouco mais de trinta anos de vida cinematográfica.

Ora, do mesmo modo que ninguém é médico, advogado, engenheiro, professor, sem haver preparado cuidadosamente a sua cultura, também não é possível ser artista de cinema sem estudo e sem trabalho.

Pensará alguém que é suficiente entrar num estúdio, estar em contacto com os realizadores, conhecer as intimidades dos astros cinematográficos, para se ser artista?

Não, não é assim.

Muitos dos que hoje admiramos, antes de chegarem as estrêlas de primeira grandeza, trabalharam e sofreram a tortura dos predestinados e marcaram passo durante muito tempo nas escolas de ascendência.

Não pretendemos, com estas palavras, derrotar a revelação expontânea de génios.

De facto, existem os génios expontâneos — e são os mais raros — como existem os génios criados à custa de aturada preparação. Mas o que fica de pé é que nem todos os que escrevem aquelas cartas podem ser génios. Alguns terão talento, outros terão intuição. Mas a grande maioria não tem, com certeza, nenhuma destas qualidades.

Animam-nos intenções diversas da cubiça que devem servir de alicerce àqueles desejos — o espírito artístico.

Verdade seja que para êste estado de coisas muito contribui a crendice no reclamo feito à volta de cada «astro» com objectivos meramente especulativos.

Certas almas plenas de boa fé e propensas ao levantamento de castelos imaginários, tomam a nuvem por Juno, e só vêem por róseos prismas o que lhes mostram os reclamistas, habilíssimos exploradores da credulidade e inocência humanas.

Mas mais do que a fantasia podem outras circunstâncias desmerecedoras de amparo. Estão, nêste caso, os que se sentem impelidos para o Cinema pelo instinto de gloriola, pela ambição dos ordenados chorudos, pela ânsia de publicidade, por narcísismo, por vaidade, por toleima e até para justificar uma inteira aversão a qualquer espécie de trabalho.

Num próximo artigo estrinçaremos vocação de intuição e ocupar-nos-emos do espírito artístico, preâmbulo indispensável a êstes apontamentos.

ANTONIO FAGIM

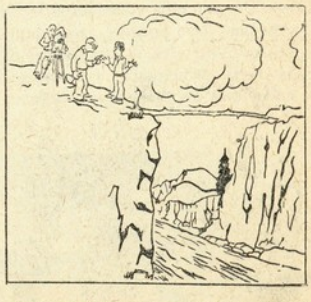
BIBLIOGRAFIA

Cine publicará uma secção de bibliografia cinematográfica de utilidade incontestável para amadores de cinema, facilitando-lhes a escolha de livros de estudo ou de simples consulta.

Inseriremos, por agora, um index bibliográfico mixto. Mais tarde, seleccionaremos e catalogaremos os assuntos e os autores. Independentemente, os leitores que o desejem, podem fazer-nos, por escrito, as suas consultas. Segue-se a nossa primeira lista bibliográfica:

Wallon — Objéctifs.
Ernest Cauda — Cinematografia sonora.
Coustet — Le Cinéme.
Spitze — Die Kinematographische Kunts.
André Dubet — L'opérateur de Cinéma.
André Dubet — Lecinéma et la science.
Huillard — Tableaux pour la Cinéfotographie.
Louis Delluc — Photogénie.
» » — Cinéma et C.ie
» » — Charlot.
Traube — Diachromie.
Oswel Blakeston — A travers un verre jaune.
George Altmann — Ça c'est du cinéma.
Léon Moussinac — Le cinéma soviétique.
Léon Moussinac — Panoramique du cinéma.
Léon Moussinac — Naissance du cicinéma.
Léon Moussinac — Cinéma: exprés-sion sociale.
Robert Florey — Filmland.
» » — Deux ans dans les studios américains.
Alvar — Técnica cinematográfica moderna.
Canudo — L'usine aux images.
René Clair — Le cinématographe contre l'ésprit.
Torrontégui — Manual de cinematografia sonora.
Bersaucourt — Monde de cinéma.
O. L. Peers — Cinematography's Book.
Lorenzo Petri — El artista cinematográfico.
Poulenc — Cinéfotographie.
Georges Potonnié — Les origines du cinématographe.
Pudovkin — Film Regie und Film Manuscript.
Marchand e Weinstein — Le Cinéma.
Colecção L'Art Cinématographique (vários autores).
Sedlacrek — Die Tonungsverfahren für Entwicklungspapiere.
Bryher — Problems on Soviet Films.
Henry Poulaille — Charlie Chaplin.
Hans Siemsen — Charlie Chaplin.

■



O realizador — *Previno-o de que o seu papel é muito arriscado. Sabe nadar?*

O estreante — *Oh! Isso depende!... Sim, depende da profundidade do rio... Havendo pé, nado perfeitamente!*

OS "MIUDINHOS" PORTUGUESES VÃO filmar!

a Editora Cinematográfica PREPARA A CONFECÇÃO DE FONOFILMES INTERPRETADOS POR CRIANÇAS

Em Portugal não existe o cinema para crianças. E' preciso cria-lo. As crianças não devem ver — porque não compreendem e porque se prejudicam — filmes de terror, películas policiais, ou outros, onde se debatem problemas de psicanàlise, como «O Estranho Caso do Professor Matias», ou se apresentam casos patológicos, como o filme «Matou». Não esquecemos, porém, — e isto é preciso dizer-se — que quando se organizam *matinèes* educativas, os pais e os educadores costumam brilhar pela ausência. E' preciso preparar cinema, não só para crianças, mas também interpretado por elas. Procede-se assim em todo o mundo.

Foi por ter encarado êste momentoso problema que a «Editora Cinematográfica resolveu que o seu primeiro fonofilme seja totalmente interpretado por crianças. Os pais e os educadores terão a lucrar com isso porque, atraz dum filme outro filme virá, e as crianças da nossa terra principiarão a ter os espectáculos que até hoje lhes faltavam. Fica portanto, assente que a primeira produção da «Editora Cinematográfica» será levada a efeito com o concurso da gente de palmo e meio.

Para isso, os pais que desejem ver seus filhos na tela, ombreando com o talento e o nome dum Jackie Cooper ou Mitzi Green, podem enviar-nos retratos, a fim de se proceder a uma selecção. A «Editora Cinematográfica» não fará apenas um filme de crianças, mas uma série dêles, tendo escolhido para argumentistas algumas das nossas mais conhecidas autoras de historietas infantis. E aqui têm, em breves palavras, porque garantimos acima: «Os miudinhos portugueses vão filmar». Se os pais e os educadores se interessam, como é de supor, por esta iniciativa, deem-nos o seu apoio e tragam até nós fotografias de crianças. Mas nem aqueles, nem estas últimas têm de nos agradecer o facto de irmos fazer cinema interpretado por gente miúda.

(Fotos Paramount)

CINE 16

OLY

O PERFUME QUE DISTINGUE

Mme CAMPOS Lda

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

DE TEATRO

Tem-se discutido tanta vez se o cinema e o teatro são amigos ou inimigos, que depois de tomarmos o problema em sua devida conta, chegamos à conclusão, aliás bem simples e intuitiva, de dedicar, em todos os números, uma página, à arte do tablado. Que o cinema e o teatro não são dois amigos que se estimam, mas sim duas irmãs que se odeiam — diz-se. Não é assim. Cinema e teatro são, muito simplesmente, dois modos diferentes de expressão. Diferentíssimos. Enquanto um consegue perpectuar o efémero, o outro vive constantemente no efémero, sem deixar mais do que uma recordação. Mas não podem ser, o teatro e o cinema, duas artes inimigas. O teatro, ou melhor, a arte do comediante, data da antiguidade. Mas é, essencialmente, estático. Por isso, influenciado pelo cinema, procurou o dinamismo: os palcos rotativos e os cenários giratórios. Nem assim o conseguiu igualar, e talvez que o êrro dos homens de teatro tenha sido querer afastá-lo do seu âmbito e dar-lhe feição cinematográfica. Reinhardt crê na imortalidade do teatro. Pomos restricções. O célebre encenador esquece que o aperfeiçoamento do colorido cinematográfico e o triunfo do do cinema em relêvo, (e até a própria telecinematografia) lhe podem dar o golpe de misericórdia. Mas, como dizia Lavoisier, tudo no mundo se transforma. Nada se perde e nada se cria. O teatro não morrerá, nem será aniquilado pelo cinema: aliar-se-á a êste último, e os dois, fundidos numa só alma, darão origem a outra modalidade de expressão artística. Nessa época, o cinema sofrerá uma transformação radical e já se não chamará cinema.

Ora, certos de que, hoje mais do que nunca, é necessária a colaboração entre o teatro e o cinema, ou, pelo menos, uma estreita intimidade que só pode trazer benefícios para as duas artes, deliberamos dedicar uma página à arte de Talma. Esta página, em que todos os que trabalham no teatro e os que por êle se interessam, podem colaborar, é dirigida pelo sr. Augusto Soares, conhecido encenador teatral e que ao cinema português tem dado o melhor do seu esfôrço e boa vontade. O nosso objectivo é rasgar novos horizontes ao teatro português, guia-lo para o verdadeiro caminho da arte e do modernismo, do bom senso e do bom gôsto. Faremos por que apareçam à luz da publicidade idéias, opiniões, alvitres e problemas de interêsse comum. Faremos por que o teatro não amodorre nem cristalize. Mocidade, inteligência, vida — eis o essencial! Reformem-se os cenários, os processos de representação—o teatro, em suma! Sigam-se os sábio sconselhos de Reinhardt, de Stanislawsky, de todos os grandes mestres.

Cine *manterá os seus leitores a par da evolução do teatro estrangeiro e das suas modernas tendências. É preciso falar claro e ser verdadeiro quando se trata da Arte. «A Arte — dizia Michelet — é a única coisa inacessível à mentira».*

■

FRAGMENTOS

O teatro sofre do empobrecimento terrivel da sua própria substância.

Max Reinhardt

Artista! trabalha e cria: não fales

Gœthe

Sem temperamento, a produção genial é impossivel.

Schopenhauer

Não há regra alguma que se não possa alterar por causa do mais belo.

Beethoven

SER CÓMICO

A ARTE E A PROFISSÃO

DISTRIBUEM-VOS um papel cómico. Apareceis em cena, decerto consciente da vossa autoridade de artista cómico. Verificais, desde a vossa entrada, que a alegria se comunica e transfigura o espectador mais macambúsio, forçando-o a sorrir ou a rir das vossas facécias, das vossas atitudes, das vossas frases recheadas de espírito e bom humor. Vêde: o optimismo domina cada espectador: todos se sentem bem dispostos; o riso é contagioso; a plateia ri a bandeiras despregadas. A vossa presença, a vossa linguagem, a vossa música, tudo provoca a hilaridade. Mas preguntamos: porque se dá êste fenómeno? Impossível ou, pelo menos, difícil responder. Vós próprios não sabeis explicar devidamente a sua origem e, no entanto, atribuis-lhes, sem dúvida, muitas justificações: entre elas, a das vossas aptidões, a do vosso talento, a da vossa comicidade. O público ri-se porque vos considera engraçado, natural, espirituoso, mas não lhe interessa indagar, pelo menos de momento, onde residem as vossas qualidades, ou o que lhes dá origem.

Também a crítica nota o vosso talento histriónico e nem sempre procara estudá-lo ou defini-lo. Porque sois cómico? Problema complexo e nem sempre fácil de estudar. Sois cómico, e eis tudo. E' uma arte.

Distribuem-vos um papel cómico. Tendes, nas representações, atitudes irresistíveis, inflexões adequadas e graciosas, magnífico jôgo de cena — e tudo isto foi conseguido à custa de trabalho e estudo. Tendes expressões inegualáveis e maneiras muito pessoais, individualíssimas, de tirar efeitos que são o relêvo necessário do vosso papel.

Isto, é preciso notá-lo, já pertence à profissão. Temos, pois, duas partes distintas a considerar: a arte e a profissão. Vejamos agora: a profissão merece menos crédito ou admiração do que a arte? O artífice vale menos do que o artista?

Assentemos, em princípio, nestes dois teoremas; para criar arte é preciso génio; para marcar na profissão é necessario talento.

A arte e o génio são, por vezes, dons naturais; outras, obtêm-se com o esfôrço, a persistência e o trabalho. Dirvos-ei, no entanto: podeis ensinar-me a pintar, a esculpir, a conhecer a harmonia musical. Mas podeis ensinar-me a ser um Miguel Angelo ou um Beethoven?

Nasce-se, muita vez com génio; outras vezes, o génio é conquistado, pela vida fora, à custa de tenacidade.

Quando o génio é um dom da natureza, o talento merece mais a nossa admiração, porque resulta sempre da perseverança e da mais laboriosa actividade. Isto é: no génio, não se admira, muitas vezes, o homem, mas sim a natureza; no talento, não se admira a natureza, mas sim o homem.

E' chegado o momento de vos dirigir uma pregunta: o cómico deve, como pintor, escultor e o músico, ter nascido com uma parcela de génio?

Se dermos um significado mais lato à palavra, diremos que evidentemente, para se ser cómico, torna-se necessário possuir certas condições.

Mas, caso curioso, se alguém, ao referir-se a determinado cómico, disser: «Aquele sim! tem dotes!» ficará embaraçado se lhe preguntarem quais são os dotes que a natureza deve dar ao artista para o elevar àquela categoria.

Nem todos os cómicos, note-se de passagem, têm expressão comunicativa, aparência grotesca, ou jovialidade permanente. Charlie Chaplin é melancólico, Victor Boucher, sério e severo, e Max Dearly, sinistro.

Verifica-se ainda que, na música, na pintura, na escultura ou na poesia, ninguém nos pode dar a inspiração que a natureza nos negou; mas tem-se visto o génio desabrochar expontâneamente entre as pessoas ignorantes e incultas.

Quando, em sociedade, se manifestam, espontâneamente, as qualidades histriónicas, estamos na presença dum real talento de cómico. Mas ser cómico a uma hora fixa, seguindo determinado papel, em limitado espaço de tempo e de acção, é mais difícil; já pertence à profissão.

Para ser profissional não é preciso génio: basta em muitos casos, possuir apenas talento.

O que já não é mau.

AUGUSTO SOARES

RISUM TENEATIS?

Palhaço: — faz romper à gargalhada
a turba que se diz em seu juizo...
É preciso que vibres; é preciso
que agites essa trunfa desgrenhada!

É preciso que logo á tua entrada
teu rosto d'imbecil propague o riso!...
Põe pedaços da alma em cada guiso
e arranja uma expressão aparvalhada.

Vergonha!?... Mas p'ra quê? Vem à vontade.
Cala do teu orgulho os vis arrancos:
— nada se vê debaixo do alvaiade!...

Sabes o que te falta? — Experiência.
Todos, na Vida, somos saltimbancos;
palhaços da tragédia da existência!

SILVA TAVARES

Notíciário do estrangeiro

FRANÇA

Apesar das últimas criações de obras inéditas, a «Comédie» lança mão das reexibições.

A reaparição da *Emboscada*, criada em 1913, é uma prova.

Montada com luxo, a peça de Kistemaeckers beneficia de uma distribuïção de escôlha, com as societárias M.me Pierat, M.me Dessonnes e M.me Léon Bernard.

A' medida que os ensaios iam decorrendo, os intérpretes verificaram que a peça estava antiqüada.

Homem inteligente, o autor consentiu em introduzir certas correções nas figuras e na linguagem. Verificou depois que eram insuficientes, e decidiu modificar, em parte, o primeiro acto, e, completamente, o último. Todavia, apesar da leveza e modernismo que insuflou na peça, deixou ficar no papel de M.lle Nisau uma tirada que leva quási vinte minutos a dizer. Ora, parece que é êsse arcaïsmo a razão do seu êxito actual.

■

Sud é o título da peça que os *Escholiers* apresentarão no Teatro dos Embaixadores. Esta peça marca a estreia, como autor dramático, de Paluel-Marmont, vindo para o jornalismo em circunstâncias especiais. Tenente de sapadores bombeiros, há uma dúzia de anos, trocou o uniforme pela pena, estreiando-se no *Echo de Paris*.

Depois de ter colaborado em vários jornais, fez-se crítico militar, director de uma casa editora, consagrando os seus ócios à pintura e literatura.

Um dia, por simples diletantismo, lembrou-se de escrever uma peça. Ao acaso, durante um jantar mundano, falou da sua primeira obra... Raymond Csenty, secretário geral do Odeón, que assistia, interessou-se pela descrição da peça e pediu que lhe enviassem o manuscrito. Paluel-Marmont viu nisto um simples gesto de cortesia mundana.. Porém, dias depois recebia uma carta de Raymond Csenty, pedindo-lhe o envio da peça Remeteu hla, e, três semanas. depois, *Paul Abram*, director do *Odéon*, convocava-o para uma reünião, afim de assentarem sôbre pormenores de montagem.

E eis como a peça *Sud* do soldado-escritor e jornalista apareceu à luz da ribalta do Odeón, onde era ansiosamente esperada pelos catedráticos das *prémiéres*.

■

OS NOVOS

MAURÍCIO MORGADO

o novel tenor que se estreou, com êxito, no teatro da Trindade, na opereta O Solar das Picôas, *e que vai interpretar o papel de príncipe Sérgio, na opereta russa* Katuscha.

CINEMA INGLÊS

DEPOIS da recente experiencia com «o filme do século» «Cavalgada», cujas receitas na Inglaterra e colónias britânicas salvaram a Fox Company dum déficit financeiro no ano passado, os produtores americanos, abandonando a sua atitude de desinterêsse, começam a ligar grande importância ao mercado inglês comprador de filmes.

Assim, num recente manifesto reclamando a versão cinematográfica da novela de Richard Aldington, «Todos os homens são inimigos», declara-se abertamente que o filme foi realizado de forma a agradar ao público inglês.

Esta nova posição do mercado inglês importador de filmes, habilita-o a protestar com a maior energia, contra o abuso da «giria» americana nos filmes exportados para Inglaterra e colónias britânicas, que honram a maior parte dêsses filmes incompreensiveis para o público inglês.

■

George Arliss trabalha na Inglaterra, para a Gaumont-British, numa nova produção que deve estar concluída no próximo mês de Agosto.

■

Encontra-se em Inglaterra, trabalhando para a «Pathé», Charles Farrell, que veio de Hollywood acompanhado por sua esposa Virginia Valli.

■

Nos novos estúdios da Triumph, em Hammersmith, dirigidos superiormente por Reginald Smith, trabalha-se activamente na realização de dezoito filmes de grande metragem para 1934.

O primeiro está concluído e o segundo encontra-se bastante avançado.

A continuidade da filmagem e trabalhos afins foi assegurada pela nomeação de seis directores, que trabalham independentemente e com perfeita autonomia administrativa.

E' proposito da «Triumph» rehabilitar o prestígio das produções inglesas, prèviamente ameaçado por produtores incompetentes e sem escrúpulos.

O seu primeiro filme chama-se «The Double Event» (Duplo acontecimento), com Jame Bascher e O. B. Clarence nos principais papéis. Leslie Howard Gordon é o director desta produção. Nela assistimos à odisseia da jovem filha dum clérigo, envolvida traiçoeiramente pela intriga.

A segunda produção da «Triumph» é «O caminho da glória» com Valerie Hobson, Athale Stewart, Henry Daniell, Starlet e Maurice Evans. O realizador dêste filme é Dallas Bower, um novo nome no mundo do cinema.

A história dum crime será o assunto provável da terceira produção intitulada, em inglês, «Crime Unlimited».

■

I. B. Priestley, um dos maiores talentos da moderna literatura inglesa, está compondo o argumento para um novo filme: «*Sing as we go*», com Gracie Field como principal intérprete e Basil Dean como realizador.

Os exteriores desta película, cuja acção se passa em Blackpool, estando a ser filmadas no Zancashire.

Esta nova produção, que comporta, também, ulgumas canções originais, está despertando grande interêsse entre os cineastas ingleses, visto unificar os talentos consagrados de I. B. Priestley e Gracie Field.

DE CINEMA

França

Marcel Pagnol, apesar-de todas as críticas e censuras que lhe têm sido dirigidas, continúa a trabalhar para o cinema. O famoso comediógrafo terminou os exteriores de *Angèle*.

● Monique Rolland, a graciosa intérprete de *Estupefacientes* que Lisboa conheceu há algum tempo, vai ser parceira de Henry Garat no novo filme de René Guissart: *Le Prince de Minuit*.

● E. W. Emo, o realizador da *Minha noite de núpcias*, dirige na Côte d'Azur, a filmagem dos exteriores de *Paganini*, extraído da opereta De Franz Lehar. Para intérpretes da película foram escolhidos Ivan Petrovitch, Elissa Iliard, Rudolph Klein Rogge e outros artistas.

● Prosseguem activamente as filmagens do *Comte Obligado*, película de Léon Mathot interpretada pelo famoso Georges Milton.

● Robert Siodmack dirige *La Fin de la Crise*, filme interpretado por Albert Préjean.

Alemanha

Lil Dagover continúa na actividade. Actualmente, interpreta o primeiro papel feminino de *A Mulher que sabe quanto vale* (título provisório).

● Gustav Froelich vai encarnar o papel dum compositor célebre: Mozart, num filme que terá êste mesmo título.

● Leni Riefenstahl, a famosa protagonista de *S. O. S. Iceberg*, encontra-se na Inglaterra, donde seguirá para Berlim, afim de trabalhar numa película de que será directora de produção.

● Emil Jannings partiu para Copenhague. Quando voltar a Berlim, trabalhará num filme sob a direcção de Cserepy.

● A censura nazi proibiu a exibição de *Os Homens e uma Mulher*.

● Hitler tem feito exibir os filmes de propaganda política nos campos de concentração onde se encontram os seus adversários.

Austria

O cinema austríaco continua a desenvolver-se, embora lentamente. Em Salzburgo, filma-se, actualmente, *A noite tranqüila*.

Hungria

Geza von Bolvary, o talentoso realizador de *Não quero saber quem és* e *Uma Canção, um Beijo e uma Mulher* termina *Parada de Primavera*, cine-opereta com Franciska Gaal, Adel Sandrock e Paul Hörbiger.

Checo-Eslováquia

Karl Lamak vai dirigir um novo filme que se intitulará *Á trois pas Du Corpos*.

Grã-Bretanha

A Art Waker Guild elegeu seu sócio honorário o desenhador Walt Disney, famoso criador das *Sally Simphonise* e rato Mickey.

● Lili Damita filma *Son's O' Guns*.

Rússia

Encontra-se concluído o filme *Quebra-Gêlos*, que descreve a vida árdua, e cheia de perigos, dos exploradores polores.

● Partiu para o Pamir uma expedição cinematográfica chefiada por Pievtzoff e que vai realizar ali um grande documentário.

Estados-Unidos

A famosa declamadora Berta Singermann encontra-se em Hollywood, tendo já filmado para o Movietone.

● Bebé Daniels foi contratada pela First National para interpretar uma película musical com Henrico Caruzo.

● Diana Wynyard e Clive Brook, os protagonistas de *Cavalgada*, foram escolhidos para o *Caminho de Douvres*.

● Elissa Landi abandonou a Columbia e vai dedicar-se a trabalhos literários.

● Dolores del Rio vai incarnar, no cinema, a figura de Madame Dubarry.

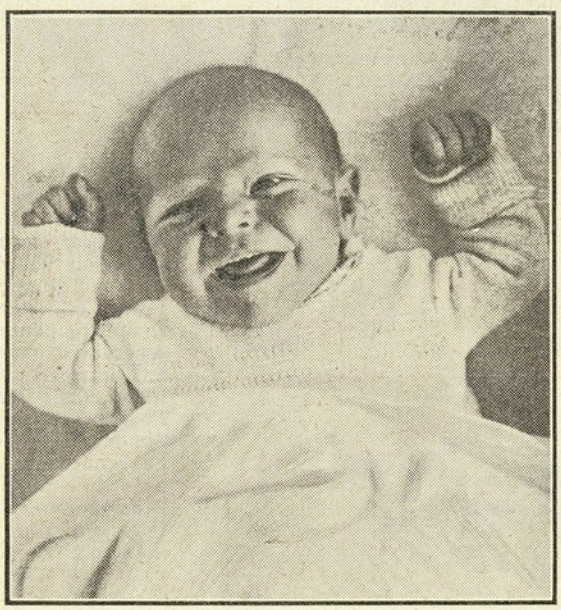
● Marlène Dietrich concluiu mais um filme: *A Imperatriz Vermelha*.

● Anna Sten é uma vedeta que está inquietando um pouco as consagradas Greta Garbo e Marlène. A famosa intérprete de *Naná*, filme que levantou protestos em França, pelo facto da obra de Zola estar completamente mutilada, vai trabalhar agora em *Ressurreição*.

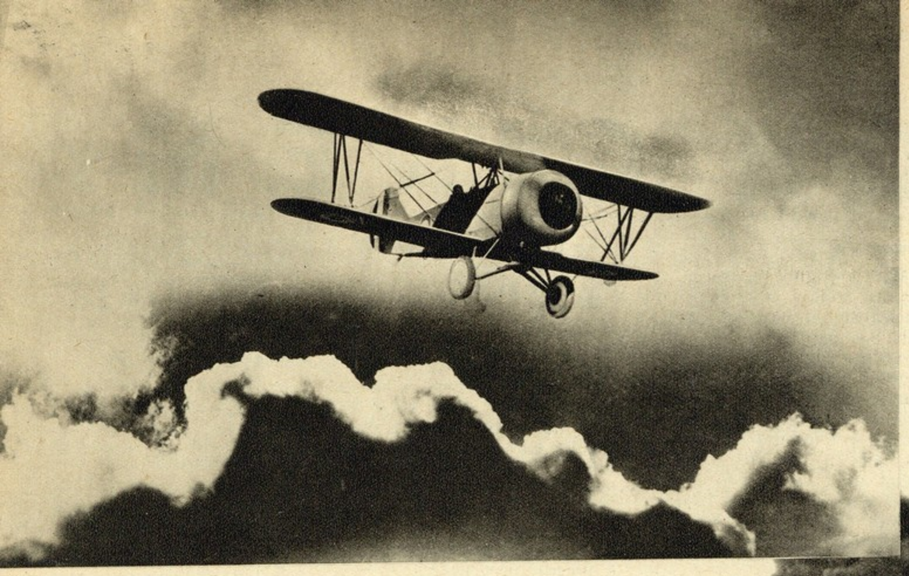
● Dorothea Wieck, vedeta de *Raparigas de Uniforme*, foi acusada, em Hollywood, de exercer espionagem por conta do govêrno alemão. Dorothea tem sofrido várias contrariedades, e se não regressou ainda à sua pátria foi por não poder rescindir o seu contrato com a Paramount.

● Walace Beery e Clark Gable serão os intérpretes de *The Little Napoleon*.

ASSIM
SÓ COM...



Farinhas de Banana Scipat
SCIPAT
Bananina e Banacau



QUANDO SE FAZ O FONOFILME PORTUGUÊS DA GRANDE GUERRA?

Não imprimiram, os nossos soldados, com seu sangue generôso, paginas de glória, na historia da grande conflagração?

JÁ decorreram dezesseis anos sôbre a grande guerra. O cinema prestou homenagem à memória das vítimas da guerra. Primeiro os americanos, depois a França e a Alemanha, todos, ou quási todos os países comparticipantes da conflagração esforçaram-se por recordar o passado e fazer justiça às vítimas. Assim nasceram «A Grande Parada», «Asas», «Viva a Marinha», etc. Todos os povos têm o seu filme de guerra; Portugal, cruzou os braços deante dêsse empreendimento. Os portugueses bateram-se com heroísmo na França, na Africa e no Atlântico! Porque não reconstituir em cinema o combate do «Augusto de Castilho» com o submarino comandado por Kotropp? Porque não contar em imágens a valentia do malogrado Oscar Monteiro Torres?

Se é preciso combater a guerra, êsse trabalho só pode ser principiado pela recordação do passado e terminado pelo testemunho vivo do cinema.

Que melhor meio existe de propagar a isenção de espírito, a coragem e a bravura portuguesa, do que o cinema?

Se o público aprecia o lado sentimental das historietas cinematográficas, porque não há-de comover-se ao assistir à luta titânica de La Lys e ao esmagamento das margens do Rovuma; ao ouvir a frase derradeira de Carvalho Araujo: «Não icem a bandeira branca!»; ao assistir à agonia de Monteiro Tôrres, cercado de aviões inimigos, aprisionado na teia da morte, decidindo morrer, para não se entregar, quebrando as suas asas nas asas dum aparêlho germânico?

Já lá vão 16 anos!

E' preciso não deixar passar, inutilmente, mais tempo sem fazer justiça aos portugueses que se bateram na França, na Africa, no Atlântico, gravando com seu sangue generoso em holocausto da Pátria, páginas gloriosas, páginas magníficas de sacrifício e de heroismo. Qualquer que seja o aspecto por que se encarem os filmes de guerra, o nosso deve fazer-se, antes que desapareçam os derradeiros documentos que permitam a sua confecção. E já são tão poucos!

CINEMA DO PAÍS VIZINHO

A indústria cinematográfica espanhola desenvolve-se dia a dia, gradualmente, sem pressa mas com firmeza. E, senão, vejam os leitores: em 1933, estando só a trabalhar um estúdio, produziram-se 18 filmes. Ora, êste ano, funcionam dois grandes estúdios: o da C. E. A., em Aranjuez, e o da E. C. E. S. A., em Madrid. Vejamos agora o que se faz nas duas firmas cinematográficas.

Em Madrid, prosseguem as filmagens de *Doña Francisquita*, sob a direcção de Hans Behrend. Protagonista: Raquel Rodrigo. Em Aranjuez, o conhecido encenador Benito Perojo vai principiar a filmagem de *La Hermana San Sulpicio*. Intérpretes: Antoñita Colomé, Manuel González e Ricardo Nuñez. Nos estúdios da Orphea Films, Iruste, Fugazot e Demare preparam *Aves sin rumbo*. O argumento é do poeta António Graciani, e o principal papel foi entregue a Sarita Mendez. Portanto, neste momento, em Espanha, preparam-se, simultâneamente, três filmes. E há já capital para continuar a produção. Dentro de breves dias estrear-se-ão duas películas: *Dale de Betún*, interpretado por Antoñita Colomer, Juan de Landa e Palácios, e *Sierra de Ronda*, com Rosita Diaz e Portago. Há poucos dias, estreou-se, com êxito, no *Avenida*, de Madrid, uma comédia intitulada *Dos mujeres y un Don Juan*. Êste filme, que merece elogiosas referências, foi extraído dum argumento de Alberto Insua e Luís F. de Sevilla. A realização foi entregue a José Buchs, que se afirmou um inteligente realizador, e a interpretação esteve a cargo de Consuelito Cuevas, Joaquin Bergia, António Gil (Varillas) e outros artistas.

Fala-se ainda num filme que Tomás Cola vai dirigir, na possibilidade de José Baviera realizar outro, e na hesitação de José Lado, que não pode ir trabalhar num filme, porque está, embora indirectamente, ligado à produção de *Los Cuatro Robinsones*, da Ibéria Films.

Como veem, o cinema espanhol progride e quere impôr-se. Pelo menos, nota-se já uma excelente organização, disciplina segura e vontade de acertar. É, pois, de crer que, num futuro próximo, a produção cinematográfica do país visinho possa colocar-se ao lado das suas congéneres de todo o mundo.

■

RENÉ CLAIR,

o famoso realizador francês, que já ultimou as filmagens de "Le Dernier Milliardaire" e é o autor do artigo que publicamos nêste número.

(Caricatura de Thérel)

CARTAZ DE "CINE"

(DE 17 A 24 DE MAIO)

CINEMAS

Tivoli

A Rainha Cristina com Greta Garbo e John Gilbert. Realização de Rouben Mamoulian.

São Luís

Roubaram um Homem, com Henry Garat e Lily Damita; e o documentário *Krakatoa*.

Central

Todos contra Ela.

Condes

Casanova, com Ivan Mousjoukine.

Odéon e Palácio

A Tentação, com Gustav Frohëlich; *Os Amores de Lily*, com Josephine Dunn.

Politeama

A Cruz e a Espada, com José Mojica e *Peregrinação* com Marion Nixon

Jardim Cinema

Quinta-feira, 17.—*Ladrão de Alcôva* e *Deshonrada*.
Sexta feira, 18. — *O homem que eu matei!* e *É preciso Viver*.
Sábado, 19. — *Guerra das Valsas*.
Domingo, 20. — *O Tunel* e *Céu Roubado*.
Segunda-feira, 21.—O mesmo programa anterior.
Terça-feira 22. — *Any... mulher de negócios* e *Aguia Branca*.
Quarta-feira, 23. — *A nave do terror* e *Monte Carlo*.
Quinta-feira, 24.—*Vénus Loira* e *Um Rapaz Encantador*.

Olimpia

A Máscara Encantada (estreia), *Seis dias de Amór* e *24 horas*.
Expresso de Séda (estreia), *Máscaras de Céra* e *Tudo por Amór*.

Chiado Terrasse

Rasputine e a Imperatriz.

Capitólio

Quinta-feira, 17—*O Marido da Amazona* e *Viagem de Núpcias*.
Sexta-feira, 18. — *O Testamento do Dr. Mabuse* e *O Filho da India*.
Sabado, 19. — *Os Azes do Divórcio* e *O Cofre Misterioso*.
Domingo, 20.—*Melodia Cubana*, *Plano Audacioso* e *A Tentação de Pamplinas*.
Segunda-feira, 21 — *Luta Traiçoeira* e *Violetas Imperiais*.
Terça-feira, 22. — *O Tunel* e *Academia de Beleza*.
Quarta-feira, 23 — *Os Herois da Paz* e *A Feira da Vida*.
Quinta-feira, 24—*A Armada Azul*.

Europa

Quinta-feira, 17—*A Canção de Lisboa* e *Navio Sangrento*.
Sexta-feira, 18. — O mesmo programa.
Sabado, 19 e Domingo, 20.—*A Canção de Lisboa* e *O Torneio da Morte*.
Terça-feira, 22—*A Pequena de Montparnasse* e *Os Três Amigos*.

Eden

Sabado, 19 e Domingo 20. — *Sua Alteza Imperial* e *O Caminho da Califórnia*.

TEATROS

Nacional

Companhia Argentina de comédia «Rivera-Derosas» Oito récitas de assinatura.
Todo un Hombre de D. Miguel Unamuno.
El Sexo Debil, de Eduardo Bourdet.
Padre, de Strindberg.
Um Hombre Peligroso, de Geraldy Sptizer.
Quando los hijos de Eva no son los hijos de Adan, de Jacinto Benavente.
La Mala Reputacion comédia Argentina de J. Castillo.
El Hombre que volvio a la vida, comédia de Luiz Chiarelli.
Sombras Chinescas, três actos de Geraldo Gherandi.
Giacomo, de Armando Discepulo.
La Mascara el rostro de Luiz Chiarelli
Mademoiselle de J. Deval.

Trindade

Em ensaios a opereta russa *Katuscha* Companhia Maria das Neves.

Avenida

Em ensaios, o «Santo António».

Ginásio

(encerrado)

Apolo

Em duas sessões, a *Maria Cachucha*.

Variedades

Em duas sessões, *A Outra Banda*.

Maria Vitória

A Pérola da China, revista fantasia em dois actos, pela Companhia Hortense Luz e Eva Stachino.

Coliseu

Luta — Campeonato de luta grego-romana com os melhores lutadores do mundo.

De futuro destinaremos uma página a várias manifestações da arte, quer seja teatro, cinema, recitais ou concêrtos. Dessa página far-se-á uma separata que será distribuída gratuitamente, e sem outros encargos para os anunciantes, por todos os hotéis, cafés e restaurantes de Lisboa.

DO INTERÊSSE GERAL DE «CINE»

QUEM alguma vez passou pelas dificuldades da saída dum primeiro número, não estranha e é benevolente com as possíveis dificiências que êste número apresentará e que procuraremos, em numeros seguintes, reduzir a ponto que satisfaça plenamente os que escrevem, os que lêem, os que apresentam e os que criticam.

Não foi possível, por muito aproximada que quizessemos, dar aos nossos leitores a ideia da justa medida de possibilidades da nossa revista, das teclas que toca, e da variedade e multiplicidade das suas secções.

Nas 24 páginas dêste número não havia lugar para mais. Mesmo assim, os leitores encontram já algumas secções que manteremos alternadamente com outras de não menor interêsse e tão necessárias como estas para o propósito que temos de difundir cultura, proporcionar o recreio util do espírito, informando aqui, elucidando acolá, como convem a uma revista de especialidade.

Torna-se, contudo, necessário instituir os leitores das secções que manteremos e que o espaço não permitiu desde já apresentar. Assim, para os profissionais, subscritos por nomes que se impõem pelo prestígio alcançado em longos estudos e aturadas práticas, oferecemos artigos sobre as especialidades que directamente lhes interessam — cursos teóricos e práticos das tomadas de vistas e de sons, dos trabalhos de laboratórios, das filmagens em estúdios e ao ar livre, das trucagens, etc. acompanhando o progressivo desenvolvimento de técnica cinematográfica, em todo o mundo.

A seu par, debateremos os problemas de solução imediata, que, desde os produtores e distribuidores, até os empregados de casas de espectáculos, interessam instantaneamente; uma secção jurídica dirigida por dois distintíssimos advogados, ficará á disposição de todos para as consultas que houverem de fazer; teremos o nosso contencioso que fornecerá preciosas elucidações a quantos se lhe dirijam; reclamações, alvitres, ideias novas, sôbre cada uma das profissões de cinema e das artes afins, técnicos e artistas aqui terão guarida e sôbre elas se abrirá discussão até completo esclarecimento.

Para amadores — englobando no termo quantos se interessam por questões de cinema — além dos cursos teóricos a que já fizemos referência, proporcionamos a iniciação da arte e ciência cinematográficas, já publicando séries de artigos destinados a argumentistas, fotógrafos, artistas, operadores, músicos, aderecistas, decoradores, indumentaristas, etc., já informando do que se avança no cinema educativo, infantil, científico, social, nos aspectos técnicos e artísticos, interessando professores, médicos, engenheiros, arquitectos, advogados, etc — todos os intelectuais.

E, para o público, em geral, ficam as as novelas, as biografias dos astros cinematográficos, as anedoctas, o noticiário, a crítica imparcial dos filmes, os contos, o humorismo e o desenvolvimento do cinema português e estrangeiro, o que se projecta e o que se faz, etc, etc, — se é que os leitores do «fait-divers» uma ou outra vez se não interessam pelas leituras que lhes desvendarão como se faz isto, como se fez aquilo que vê ou viu no «écran» e lhe prendeu a atenção.

E aqui têm os leitores uma idéia geral das secções que lhes forneceremos, sempre variadas e sempre renovadas, uma adiantando sôbre a outra novos conhecimentos, ou abrindo novos horizontes. E o mais, adiante se verá.